

Prezados Irmãos,

*Segue a última parte da coletânea **Maria, mulher e seguidora**, organizada pelo Irmão Afonso Murad, e composta por 11 artigos (artigos 21 a 31). Os textos anteriores constam, aqui, também, em arquivos antecedentes, divididos em duas parte.*

Boa leitura!

Assessoria de Comunicação Organizacional

Artigo (21) – Maria, uma pessoa obediente

Ouvimos dizer que Maria foi uma mulher silenciosa e obediente. Antigamente, se acreditava que uma pessoa obediente não questionava nada e simplesmente seguia as normas e orientações de seus “superiores”. Os filhos obedeciam aos pais. A mulher obedecia ao marido. Os cidadãos obedeciam às leis e às autoridades civis e religiosas. Hoje, as pessoas não aceitam essa obediência cega. Querem saber os motivos de uma orientação da autoridade. Questionam quando se sentem injustiçadas. Percebem quando determinações “vindas de cima” não levam em conta a situação dos indivíduos, ou não visam o bem comum. Lutam para que sejam modificadas. Não aceitam que a mulher seja submissa ao marido. Cada vez mais, queremos ser ouvidos e participar dos processos decisórios.

Jesus era obediente ao Pai. Não foi fácil, pois a vontade de Deus não era tão evidente. Assim, ele passa longo tempo no deserto, preparando sua missão. Ali vence todo tipo de tentação, o que fortalece suas convicções (Lc 4,1-13). Jesus se retira em oração, antes de tomar decisões importantes, como para escolher os dois apóstolos (Lc 6,12s). Quando percebe a possibilidade real da morte na cruz, vive uma grande luta interior, a ponto de suar como sangue: “Pai, afasta de mim este cálice. Mas que seja feita a tua vontade (Lc 22,42-44). Jesus aprendeu a obedecer (Hb 5,8). Foi um processo de toda a vida.

Porque Jesus vive nesta intimidade com o Pai, é livre diante das leis religiosas e civis do seu tempo. Parece desobediente. Jesus denuncia que muitas dessas determinações legais escravizavam as pessoas e não expressavam a vontade de Deus. Assim, ele come e bebe com pobres e pecadores (Mc 1,15-17), o que escandaliza os escribas e fariseus. Cura no sábado, o que não era permitido (Mc 3,1-5). Deixa seus discípulos tomarem as espigas de trigo para comer, nesse dia. Proclama: “o sábado foi feito para o homem, o não o homem para o sábado” (Mc 2,27). Questiona o excesso de ritos de purificação: “o que torna impuro é aquilo que sai do coração humano” (cf. Mc 7,1-23). Diz que a oferta da pobre viúva era a mais preciosa! (Lc 21,1-4). Valoriza as mulheres, a ponto de incorporá-las com suas seguidoras e colaboradoras, o que não era normal (Lc 8,1-3).

A obediência de Maria não era a atitude passiva de uma mulher submissa. Na anunciação, ela responde com vigor ao convite de Deus. Visitar Isabel é uma atitude corajosa, pois as mulheres não podiam viajar sozinhas. Durante muitos momentos da vida, ela busca o sentido dos fatos para descobrir o que Deus lhe falava (Lc 2,19.51). Ser obediente à Deus lhe traz muita alegria, como ela expressa no seu cântico de louvor (Lc 1,47). Mas também conflito e dor, como uma espada que corta o coração (Lc 1,35). Maria acompanhou Jesus, e aprendeu muito com ele, durante sua vida pública. Como Jesus, também ela aprendeu a obedecer. Que Maria nos ensine esta obediência ativa, dinâmica e participativa.

Artigo (22) – Maria nos abraça e nos leva a Jesus

Quando se vê alguém pela primeira vez, costuma-se apertar sua mão e dizer: “muito prazer” ou uma frase parecida. À medida que as pessoas se tornam mais próximas, olham-se e trocam sorrisos. Conforme a cultura local, parentes e amigos se saúdam com um abraço ou beijo no rosto. Há abraços e beijos meramente formais, de pessoas que nem se conhecem bem. Perigosos são aqueles gestos fingidos, como o beijo de traição de Judas.

Existem abraços que vem do fundo do coração, a ponto de substituir qualquer palavra. Abraço de sintonia com a dor do outro. De contentamento, diante de uma vitória alcançada. Abraço silencioso de amor e afeto, transmitindo ‘estou ao seu lado, conte comigo’. A expressão ‘abraçar’ também se aplica de forma simbólica, para expressar um compromisso de vida. Assim, dizemos que Dom Helder Câmara “abraçou” a causa da justiça, em defesa dos mais pobres.

Ser abraçado pelo amor de alguém é receber gratuitamente seu afeto e sua atenção. Maria de Nazaré, a mãe de Jesus, experimentou na sua vida o grande abraço de Deus. É este o sentido da expressão “agraciada”, “cheia de graça” e “encontraste graça diante de Deus”, na anunciação (Lc 1,28.30). O Senhor olhou para ela com amor, preparou-a para a bela e desafiante missão de mãe e educadora de Jesus. Como era uma pessoa inteira, que tinha consciência de ser amada por Deus, Maria expandiu este amor muitas vezes com gestos carinhosos, ternos e acolhedores. Você já imaginou o abraço que ela deu em Isabel, quando as duas se encontraram? Durante sua vida, Maria deve ter abraçado e recebido muitos abraços de José, seu fiel companheiro, e de Jesus. E não somente isso. Em Caná, ela ‘abraçou’ a causa dos noivos em necessidade. Na cruz, recebeu o terno abraço de João e ‘abraçou’ a nova missão de ser mãe da comunidade (Jo 19,26-27).

Há gente que abraça e quer reter para si. Em vez de laços de afeto, lança correntes que aprisionam. Não é o caso de Maria. Durante sua vida em Belém, em Nazaré e em Jerusalém, ela amava sem reter. Abraçava sem agarrar. Um amor livre, despojado. Hoje, na glória de Deus, Maria nos abraça carinhosamente. Ouve nossos clamores. Compreende nossas dores. Alegra-se com nossas alegrias. Um abraço que tem o tamanho do mundo, pois se estende a todos. Abraço que não segura ninguém para si, e sim nos entrega livremente a Jesus, nosso mestre e Senhor. Aí reside o sentido da devoção mariana: ela nos abraça e nos leva a Jesus.

Artigo (23) – Maria na liturgia

Como Igreja, somos uma comunidade organizada, com ritos e normas. No correr dos séculos, a Igreja desenvolveu, no conteúdo e na forma, uma forma própria para fazer memória, agradecer, pedir, escutar a Palavra de Deus e celebrar a ceia do Senhor. O culto ganha expressão na liturgia e na devoção.

Na liturgia reformada após o Vaticano II, Maria foi colocada em íntima relação com o mistério de Cristo e da Igreja. No Advento, preparamo-nos para a vinda do Senhor, esperando como Maria durante sua gravidez. No tempo do Natal, alegremente celebramos com ela a encarnação do Filho do Deus. Ao longo do tempo comum, acompanhamos com Maria a missão de Jesus, que revela o Pai com gestos e palavras. Durante a quaresma, Maria e todos os santos se unem a nós para respondermos ao apelo à conversão, à busca do essencial. Na semana santa, acompanhamos a paixão e morte do Senhor, vivendo com Maria a “noite escura”. No tempo pascal, com Maria exultamos, pois o Senhor ressuscitou de verdade e vive glorioso, no Céu e na Terra. Portanto, durante todo o ciclo litúrgico, mais do que rezar para Maria, oramos como ela e na sua companhia, na grande corrente da Comunhão dos Santos.

No correr do ano litúrgico, Maria também ganha destaque. Há três tipos de celebrações marianas, por ordem de importância: as solenidades, as festas e as memórias. As solenidades, como o nome indica, constituem as celebrações mais importantes. Em todo o mundo elas são quatro: Maria, Mãe de Deus (1º jan), Anunciação (25 março), Assunção (15 agosto) e Imaculada Conceição (8 dez). Em cada diocese e país, há ao menos uma solenidade própria do lugar. Dentre as festa marianas, recordamos a da Visitação. Existem várias memórias marianas, como: nascimento de Maria e as “Nossas Senhoras”, como a das Dores, de Fátima, do Carmo e do Rosário. Algumas delas são memórias facultativas, ou seja, opcionais. Uma celebração de memória pode ser elevada à solenidade em determinada região. Na América Latina, NS. Guadalupe se tornou solenidade, pois foi proclamada padroeira de nosso continente. E Aparecida, para o nosso país.

Nas solenidades, festas e memórias de Maria, os padres e as equipes de liturgia devem ajudar a assembleia a conhecer mais e melhor a mãe de Jesus. E também a relacionar Maria com Jesus Cristo e a comunidade de seus seguidores.

Artigo (24) – Os títulos de Maria

*Sou romeiro e no seu dia, na multidão mãe querida
Me ajoelho e rezo, Nossa Senhora Aparecida
Nossa Senhora da Glória, de Lurdes, de Nazaré (...)
Minha mãe, nossa senhora, somos todos filhos seus
Todas as nossas senhoras são a mesma mãe de Deus.*

Na música “Todas as Nossas Senhoras”, Roberto Carlos expressa de forma poética uma prática comum do povo católico. Costumamos invocar a Maria, pedir seu auxílio e proteção, com diferentes nomes. A lista é interminável e tem origem diversa. Alguns títulos provem da devoção de institutos de consagrados: NS do Rosário (dominicanos/as), Auxiliadora (salesianos/as), Perpétuo Socorro (redentoristas), Mãe três vezes admirável (Shönestad). Outros títulos de Maria vem das aparições reconhecidas pela Igreja, como NS de Fátima, Lurdes, Salette e Guadalupe. Há aqueles que surgiram de devoções transformadas em dogmas marianos, como Imaculada Conceição e Assunção. Para este último título, existem várias invocações. NS da Glória, da Boa Viagem (para o céu!) e da Abadia traduzem a mesma crença: Maria já está glorificada, de corpo e alma, junto de Jesus na comunhão dos Santos.

Há títulos marianos engraçados, como NS das Cabeças. Trata-se de uma imagem do Brasil colonial, na qual Maria está cercada de cabecinhas de anjos. Ou ainda, NS do Bom Sucesso, que era invocada pelas mulheres, no parto. Existem títulos provenientes de momentos da vida de Maria, como NS de Nazaré, NS da Piedade (Maria com o filho morto no colo), NS das Dores (especialmente a da cruz). E, para concluir sem terminar, também se invoca Maria com títulos simbólicos, sobretudo aqueles das Ladainhas, como “Mãe do Bom Conselho”, “Sede da Sabedoria”, “Consoladora dos aflitos”.

Como se vê, a Mãe Jesus é chamada com muitos títulos. Mas isso não pode nos levar à confusão, como se fossem várias santas diferentes. Ou que uma delas fosse mais poderosa do que a outra. Os vários títulos mostram que Maria, na glória de Deus, está pertinho da gente. Ela assume o rosto de muitas regiões e culturas, traduz o seu amor de várias formas. No dizer de Roberto Carlos, “*Somos todos filhos seus! Todas as nossas senhoras são a mesma mãe de Deus*”. É a única Maria, reconhecida e venerada com diferentes nomes.

Artigo (25) – Por que rezar à Maria?

Por que o católico dirige sua oração a Maria e a outros santos, se pode orar diretamente para Jesus?

Jesus Cristo é o Senhor (Fil 2,11), o único mediador entre Deus e a humanidade (1 Tm 2,5). E Jesus não age sozinho. Desde o começo de sua missão na Palestina ele chama discípulos para estar com ele e anunciar o Reino de Deus (Mt 10,1-8). Também fazem parte do grupo algumas mulheres (Lc 8,1-3) e Maria (At 1,14). Jesus, a única ponte que liga a humanidade a Deus, o rio que nos leva ao mar da divindade, quer contar conosco. Nós somos seus colaboradores (1 Cor 3,9).

Os judeus atribuem somente a Deus o nome de “Santo” (Is 6,3). Mas Paulo reconhece que todos somos chamados a sermos santos (Rom 1,7). A grandeza do amor de Deus, através de Jesus Cristo, nos faz herdeiros do seu Reino (Rom 8,17 e Gal 4,7), nos transforma em santos, à imagem de Deus, o todo Santo.

Na profissão de fé, dizemos que cremos na “**comunhão dos santos**”. Deus é comunidade e fonte da vida de comunidade. Todos os cristãos contribuem na ação salvadora de Cristo, o único Senhor. Essa participação já acontece neste mundo. Mas não acaba aqui. O livro do Apocalipse fala de uma multidão, de todos os povos e culturas (Ap 7,8-17), que está junto de Jesus glorificado, numa eterna festa, louvando e se alegrando no Senhor. Os santos passaram pela morte e hoje estão vivos em Deus. Todas as pessoas que escolheram o Caminho da Vida estão junto de Deus e continuam unidas a nós. Podemos nos inspirar nos seus exemplos, recordar suas palavras e continuar suas boas obras. Isso é a comunhão dos santos.

Os santos reconhecidos pela Igreja continuam colaborando de forma especial na missão salvadora de Jesus. Contamos com a ajuda deles também pela oração de intercessão. Eles são nossos companheiros na estrada rumo a Deus. Já chegaram lá, estão torcendo por nós e nos ajudando. O católico adora somente a Deus: ao Pai criador, pelo Filho redentor, no Espírito santificador. Ao mesmo tempo, venera Maria e outros santos.

Maria tem um lugar especial na *comunhão dos Santos*. Como diz o Concílio Vaticano II, o mais alto depois de Cristo e mais perto de nós (LG 54). Tudo vem de Deus e para Deus volta. A oração a Maria nos coloca em sintonia com o Pai e o Filho, no Espírito. Só Jesus é a luz, que veio a esse mundo para iluminar a todos (Jo 1,9). Maria, como um espelho ou um prisma, reflete e transmite essa luz amorosa. Por isso, podemos rezar para ela, pedir sua proteção e auxílio e entregarmos nas suas mãos.

Artigo (26) – Maria e as Igrejas evangélicas

Não é fácil nem simples falar sobre este tema. As Igrejas protestantes apresentam um leque enorme, desde as clássicas Igreja anglicana e luterana, com as quais temos boas relações, passando pelas pentecostais tradicionais, as pequenas igrejas de bairros populares, até as megas “Igrejas da Prosperidade”.

Para começar, temos muitos pontos em comum: a Bíblia, Jesus como nosso salvador; o Deus Trindade, o batismo, a conversão, a busca de fazer a vontade de Deus, a adesão a uma Igreja, o cultivo da fé, esperança e caridade. Quanto a Maria, as diferenças apresentam diferentes causas. Brevemente:

- Nós cristãos aceitamos que Jesus é o nosso Senhor e Salvador. Por Ele vamos ao Pai. Para os católicos, a única mediação de Cristo *inclui* a comunhão e a intercessão dos Santos. Aí, Maria tem o lugar especial: o mais perto de Jesus e próxima a nós. Para os evangélicos, esta mediação é *exclusiva* de Jesus. Ora, ambas são formas legítimas de viver a fé cristã. Por isso, deve haver respeito mútuo.

- Nós cremos que os santos estão “vivos em Deus”, junto de Jesus glorificado. Assim, podemos recorrer à sua intercessão. Para eles, todas as pessoas que morreram estão como que adormecidas, e participarão da ressurreição somente com a segunda vinda de Cristo, a parusia. Como os santos estão no sono da morte, não adianta rezar para eles.

- Muitas Igrejas evangélicas do Brasil nasceram do *protestantismo de missão*. Segundo esta visão, os católicos deveriam ser convertidos totalmente e abandonar suas práticas devocionais, pois elas seriam pagãs. Assim, as imagens de santos são consideradas “idolatria”. Para aceitar Jesus, seria necessário mudar de Igreja.

- Os evangélicos defendem que toda a revelação de Deus está contida na Bíblia. Os católicos creem que a comunidade cristã, orientada pelos seus pastores, interpreta e aprofunda esta revelação no correr da história. Por isso, aceitam a evolução da doutrina, dos dogmas e do culto. E grande parte do ensinamento sobre Maria não está somente na Bíblia, e sim na Tradição que se desenvolveu durante os séculos.

- Várias denominações estão marcadas pelo fundamentalismo, movimento nascido nos Estados Unidos no início do século 20. Além da interpretação literal e fragmentada da Bíblia, os fundamentalistas tendem à intolerância, não aceitam quem pensa diferente deles.

Desde o concílio Vaticano II, a Igreja católica estimula o respeito às outras Igrejas cristãs e o ecumenismo. No Brasil, o CONIC (Conselho Nacional das Igrejas Cristãs) tem promovido várias iniciativas comuns, como a Semana de Unidade dos Cristãos e as Campanhas da Fraternidade ecumênicas.

Com relação a Maria, temos diferenças reais. A proximidade com outras Igrejas nos leva a purificar os excessos da devoção e a centrar nosso culto em Jesus, mantendo nossa identidade. Que Maria, nossa mãe, nos leve a seguir Jesus com mais intensidade e a construir uma cultura de paz entre os cristãos!

Artigo (27) – Perguntas sobre as aparições de Maria (parte 1)

O assunto das Aparições exige um estudo aprofundado. Apresentaremos aqui somente as questões básicas.

1. Para que existem aparições, se Deus deixou sua Revelação na Bíblia?

As aparições não são consideradas pela Igreja como uma nova Revelação de Deus, para completar o que Jesus Cristo nos deixou. Elas são uma experiência mística dos videntes na presença de Maria glorificada, para recordar a única revelação de Deus em Jesus Cristo. Os videntes acentuam alguns aspectos da vida de fé, como a conversão, a oração, a penitência, a renovação da existência. Embora sejam uma forma de comunicação extraordinária, as mensagens das aparições não substituem nem a Bíblia nem o Espírito Santo, que fala no coração de cada cristão, na comunidade e no magistério da Igreja. Tanto a palavra de um vidente quanto a de uma pessoa comum, que vive sua fé autenticamente, podem edificar e animar a comunidade cristã.

2. Como a Igreja católica denomina as Aparições de Nossa Senhora?

Elas são classificadas como “revelações privadas” para se diferenciar de única Revelação de Deus em Jesus Cristo, que foi fixada na Bíblia e é interpretada pela Tradição Eclesial. Mesmo que aconteçam com uma enorme multidão, não são obrigatórias para todos os fiéis. Veja o que diz o Catecismo da Igreja católica a esse respeito: *“No decurso dos séculos tem havido revelações ditas “privadas”, algumas das quais foram reconhecidas pela autoridade da Igreja. Todavia, não pertencem ao depósito da fé. O seu papel não é “aperfeiçoar” ou “completar” a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a vivê-la mais plenamente, numa determinada época da história. Guiado pelo Magistério da Igreja, o sentir dos fiéis sabe discernir e guardar o que nestas revelações constitui um apelo autêntico de Cristo ou dos seus santos à Igreja (CIC,67).*

3. Para que servem as aparições?

Segundo o mariólogo *René Laurentin*, as aparições:

- Servem para atualizar, recordar, vivificar, explicar ou aclarar a Revelação;
- Apresentam caráter prático, comunicando regras de conduta;
- Acentuam determinadas práticas religiosas, posturas éticas ou forma de viver a espiritualidade do seguimento de Jesus.

Artigo (28) – Perguntas sobre as aparições de Maria (parte 2)

O assunto das Aparições exige um estudo aprofundado. Continuamos a apresentar algumas questões básicas, que cada católico(a) deve conhecer.

1. Como identificar se uma aparição é verdadeira?

A Igreja, através do bispo diocesano, utiliza os seguintes critérios:

Equilíbrio mental do vidente: Os videntes que aceitam ser reconhecidos pela Igreja, passam por uma junta de profissionais (psiquiatras e psicólogos), indicados pelo bispo, para avaliar sua saúde mental. Indivíduos mentalmente desequilibrados podem ter visões de Nossa Senhora criados por sua imaginação.

Honestidade do vidente e de seu grupo: O vidente e seu grupo devem buscar a fidelidade à vontade de Deus, e não seus interesses próprios. O fascínio da fama ou do dinheiro pode induzir os videntes a produzirem mensagens para atrair o grande público. A Igreja já desmascarou várias pessoas contaminadas com este mal. Por isso, analisa se há reta intenção nos videntes.

A qualidade da mensagem: as palavras, atribuídas a Maria, devem estar de acordo com o evangelho e a caminhada da Igreja. Uma atualização do Evangelho. Se, ao contrário, o vidente só fala da ira divina e não de sua misericórdia, é sinal que não vem de Deus. O mesmo se diz de mensagens estranhas sobre o fim do mundo, e a imposição de algumas práticas devocionais como obrigação para a salvação.

Os frutos das aparições: se o movimento de uma aparição leva os cristãos a viver melhor a fé, a esperança e a caridade, é um sinal positivo. Também as curas e milagres podem nos dizer que Deus está agindo ali de maneira especial.

Para você também estes critérios são importantes, a fim de exercitar o discernimento e a maturidade cristã.

2. Como se faz o processo eclesial de discernimento?

O bispo da diocese, ou a conferência episcopal, onde acontece o fenômeno decide se inicia o processo, com os videntes. Então, nomeia uma comissão com teólogos, pastoralistas e psicólogos, com os critérios elencados acima. Normalmente, as aparições devem ter cessado. E há um problema atual: como a Igreja se posicionará sobre algo tão sério, se os videntes continuam, durante anos, a comunicar mensagens atribuídas a Maria?

3. Em que consiste o reconhecimento de uma Aparição?

A autoridade da Igreja declara que: O fenômeno é “digno de fé humana” (quem acolhe a mensagem dos videntes não está errado); Maria pode ser venerada com o nome dado pelos videntes e com a imagem correspondente; Pode ser construído um santuário em honra de Maria no local; Permite-se difundir em todo o mundo tal devoção.

Artigo (29) – Por que Maria é tão importante para nós?

Caro(a) amigo(a):

Durante este ano dedicado a Maria, partilhei com você a cada semana as nossas convicções a respeito da Mãe de Jesus. Começamos mostrando o perfil bíblico de Maria nos Evangelhos. Segundo Lucas, ela é a figura realizada do discípulo/a missionário/a. Maria escuta a palavra de Deus, responde ativamente, medita sobre os fatos e dá bons frutos. Aquele *Sím*, pronunciado corajosamente, amadurece no correr da vida. Ela não entende tudo, pois a fé consiste em “apostar em Deus” e na sua promessa. Cultiva a alegria e também sabe passar pelos momentos em que a espada de dor lhe transpassa o coração. Antecipa-se às Bem-aventuranças, proclamando no seu cântico, o Magnificat, como Deus age em favor dos pequenos e manifesta sua misericórdia. Missionária, segue apressadamente para a Casa de Isabel. Une-se em oração com a comunidade dos discípulos, preparando a vinda do Espírito Santo.

Segundo João, Maria é a mulher especial, presente nos momentos mais importantes da missão de Jesus: no início (em Caná) e no final (junto a cruz). Empenha-se para que Jesus transforme a água em vinho da alegria e da festa. Persevera no calvário e aí recebe de Jesus a missão de ser mãe da comunidade. Quantas belezas nos revela o Evangelho, acerca de Maria! Continue a descobri-las!

Os dogmas marianos aprofundam seu perfil bíblico. A Igreja proclama que ela é a mãe da pessoa inteira de Jesus, que é humana e divina. Filha amada de Deus Pai e ungida pelo Espírito Santo, molda sua existência como mãe, educadora e discípula de Jesus. Respondendo ao apelo divino, concebe virginalmente o messias e mantém por toda a vida a exclusividade para o serviço ao Senhor, de corpo e alma. Preparada para missão tão grande, mostra antecipadamente o triunfo da graça de Deus sobre o mal e o pecado (imaculada concepção). E quem viveu com tanta inteireza em sintonia com Jesus e sua causa, participa de forma ímpar da ressurreição do Senhor (assunção).

Os católicos cultuam somente a Deus: ao Pai, pelo filho no Espírito. E reconhecem que a única mediação de Cristo inclui os santos, que cooperam com Ele na obra de salvação do mundo. Assim, recorreremos de maneira especial a Maria, pois ela tem um lugar especial na comunhão dos santos: o mais perto de Jesus e também de nós.

Que a nossa devoção a Maria nos leve sempre a Jesus, para sermos discípulos missionários, a serviço da Vida em toda sua extensão. Amém!

Artigo (30) – A mensagem de Aparecida hoje (julho 2017)

O Papa Francisco, em carta aos bispos da América Latina, diz que Aparecida é uma escola para aprender a seguir Jesus. E ele destaca três características.

(1) Os **pescadores**: são pessoas para encaram o dia a dia, enfrentando a incerteza do rio. Vivem com a insegurança de não saber qual seria o “ganho” do dia. Eles conhecem tanto a generosidade do rio, quanto a agressividade das águas nas enchentes. Acostumados a enfrentar os desafios da vida com teimosia, não deixam de lançar as redes. Esta imagem nos aproxima do centro da vida de tantos irmãos nossos. Pessoas que, desde cedo até a noite, saem para ganhar a vida, sem saber qual será o resultado. O que mais dói é ver que enfrentam a dureza gerada por um dos pecados mais graves do nosso Continente: a corrupção. Essa corrupção que arrasa com vidas, mergulhando-as na mais extrema pobreza. Corrupção que destrói populações inteiras, submetendo-as à precariedade. Como um câncer, vai corroendo a vida cotidiana de nosso povo. E aí estão tantos irmãos nossos que, de maneira admirável, saem para lutar contra este flagelo.

(2) **A Mãe**. Maria conhece bem a vida de seus filhos. Está atenta e acompanha a vida deles. Maria “vai onde não é esperada. No relato de Aparecida, nós a encontramos no meio do rio, cercada de lama. Aí, espera seus filhos, está no meio de suas lutas e buscas. Não tem medo de mergulhar com eles nas situações difíceis da história e, se necessário, sujar-se para renovar a esperança”. Maria aparece onde os pescadores lançam as redes, ali onde as pessoas tentam ganhar a vida. Como mãe, está junto delas.

(3) **O encontro**. As redes se encheram de uma presença que deu aos pescadores a certeza que eles não estavam sós em sua labuta. Era o encontro desses homens com Maria. Depois de limpar e restaurar a imagem, levaram-na a uma casa onde ela permaneceu um bom tempo. Nesse lar os pescadores da região iam ao encontro de Aparecida. “E essa presença se fez comunidade, Igreja. As redes não se encheram de peixes, se transformaram em comunidade”.

Em Aparecida, encontramos um povo forte e persistente. Consciente que suas redes, sua vida, está cheia da presença Maria, que o anima a não perder a esperança. Uma presença que se esconde no cotidiano, nesses silenciosos espaços nos quais o Espírito Santo continua sustentando nosso Continente. Tudo isto nos apresenta sua mensagem, que devemos acolher.

Para terminar, Francisco nos diz: “viemos como filhos e como discípulos para escutar e aprender o que hoje, 300 anos depois, este acontecimento continua nos dizendo. Aparecida não nos traz receitas, mas chaves, critérios, pequenas grandes certezas para iluminar”. E sobretudo, acender o desejo de voltar ao essencial da nossa fé. Amém!

Artigo (31) – Maria e o Espírito Santo

Maria é especialmente contemplada pelo Espírito Santo. Torna-se mãe do Salvador devido à ação criadora dele. “O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus” (Lc 1,35).

Há uma relação clara da ação do Espírito na Anunciação com dois momentos-chave na missão de Jesus. No batismo: o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele, E do céu veio uma voz: “Tu és o meu filho amado; em ti está o meu agrado” (Lc 3,21s). E na transfiguração: Estava ainda falando, quando desceu uma nuvem que os cobriu com sua sombra. E da nuvem saiu uma voz que dizia: “Este é o meu Filho, o Eleito. Escutai-o!” (Lc 9,34s).

Na transfiguração uma nuvem desce sobre os discípulos e lhes cobre com sua sombra (Lc 9,34). Isso significa: envolver, proteger, revestir com a glória divina. Este fato nos lembra a nuvem que cobre a “Tenda do Encontro”, ao acompanhar o Povo de Deus na sua peregrinação no deserto, rumo à terra prometida (Ex 40,35.37). Mais tarde, a tradição cristã relê este versículo e considera Maria como a nova tenda do encontro, na qual Deus se aproxima da humanidade por meio da encarnação de seu Filho.

O Espírito age em Maria não somente na encarnação do Filho de Deus, mas também lhe dando a energia para acolher o mistério divino, fazer-se serva e peregrinar como discípula do Senhor e mãe da comunidade.

O Espírito atua em Jesus, dá-lhe a força e poder de pregar e libertar (Lc 4,14.18). No tempo da Igreja, o Espírito é o poder de Deus, concedido pelo ressuscitado aos que creem (At 1,8; 6,8; 10,38). Atualiza a presença de Jesus no mundo. Pelo Espírito, os seus seguidores operam maravilhas como Jesus: curar, perdoar, dar vida aos mortos, mover paralisados, expulsar as forças do mal, enfrentar os poderosos sem medo (At 3,6-10; 4,8-10). Na força do Espírito Santo, os cristãos enfrentam o sofrimento, a perseguição e a morte (At 12,1-5). A comunidade vive desafios novos, como a entrada dos pagãos no grupo dos seguidores de Jesus. É necessário arriscar e discernir a vontade de Deus à luz do Espírito, como acontece no Concílio de Jerusalém (At 15).

Maria participa da ação criadora do Espírito, individualmente, no seu próprio corpo. E toma parte da ação coletiva do Espírito em Pentecostes. Personagem central na encarnação, participa discretamente no mistério da difusão do Espírito a todos os povos.

Redescobrimos hoje a força do Espírito Santo na vida dos cristãos. Maria aparece como a figura do ser humano que se deixa moldar pelo Espírito. Nela o Espírito habita, faz morada, toca a corporeidade, a subjetividade, os desejos e as ações.

João Paulo II mostra essa ligação da ação do Espírito Santo em Maria, na anunciação e em pentecostes: “a caminhada de fé de Maria, que vemos a orar no Cenáculo, é mais longa do que a dos outros que aí se encontravam reunidos: Maria "precede-os", vai adiante deles. O momento do Pentecostes em Jerusalém foi preparado pelo momento da Anunciação em Nazaré. No Cenáculo, o itinerário de Maria encontra-se com a caminhada da fé da Igreja” (RM 26).

E Francisco nos diz que o Espírito Santo e Maria estão juntinhos, na nossa missão evangelizadora: Juntamente com o Espírito Santo, sempre está Maria no meio do povo. Ela reunia os discípulos para o invocarem (At 1, 14), e assim tornou possível a explosão missionária que se deu no Pentecostes. Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora e, sem Ela, não podemos compreender o espírito da nova evangelização (EG 284).

Maria, templo do Espírito, é também profetiza da justiça e da misericórdia de Deus na história. Ela simboliza a humanidade transformada pelo Espírito. Este mesmo Espírito anima os que se empenham pela cidadania planetária, na qual se rompe a lógica da exclusão e se colocam juntos os humanos, a água, o solo, o ar, as plantas, os animais, e os ecossistemas. O Espírito, que dá a vida, renova por dentro a homens e mulheres, e os chama para cuidar da vida em toda a sua extensão, especialmente onde ela está mais ameaçada. Entre os mais pobres e excluídos. Em defesa da Terra e dos seus biomas.

O Espírito Santo faz com pessoas de diferentes línguas e culturas se entendam. Ele nos impulsiona a cultivar a unidade, no meio das diferenças. Estar no Espírito significa superar os preconceitos, a intolerância, em favor do diálogo, do respeito e da colaboração recíproca. A começar da nossa comunidade, e passando pelas diferentes igrejas que formam a Igreja de Jesus. Por isso, a semana que antecipa pentecostes é especialmente dedicada a cultivar o ecumenismo. Na companhia de Maria, invocamos, como no Salmo 104: “Envia teu Espírito Senhor, e renova a face da Terra”.

Oremos:

Bendita és tu, Maria, templo do Espírito,
morada do Filho de Deus encarnado,
discípula e mãe ungida pelo Senhor Jesus. Amém